

Leonor Xavier

Maria Barroso

UM OLHAR SOBRE A VIDA

OPICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

I Infância – Doces memórias	13
II Atriz – Luminosa realidade	31
III Poesia – Uma voz sentida	57
IV Teatro Nacional – Benilde, a consagração e o fim	79
V Casamento – Saber a solidariedade	101
VI Repressão – Cidadania de esperança	119
VII Resistência – Lutos e lutas	149
VIII Liberdade – Viver a democracia	177
IX Presidência – Os caminhos da paz	203
X Sociedade – Causas de sempre	229
XI Presença – Flagelado mundo	247
XII Tempo – O amor e a vida	269
Agradecimentos	287
Cronologia	289
Notas	299
<i>Copyright</i> das imagens	303
Índice onomástico	305



I



I

Infância

DOCES MEMÓRIAS

« *G*ostava de ficar à janela da casa da Avenida Luísa Todi, a comer numa mesinha que me punham ali, e a ver o movimento das pessoas lá fora. Sei que tinha três anos, porque a minha irmã Judite, quatro anos mais pequena do que eu, ainda não tinha nascido. Depois, fomos para Palmela durante um ano, porque a minha mãe foi lá colocada como professora. A nossa casa tinha um rés do chão e um primeiro andar, ao fundo do corredor era a cozinha, e na despensa havia um cesto de maçãs... até hoje guardo o cheiro dessas maçãs. A rua tinha uns degraus, lembro-me do barulho dos chocalhos das cabras que lá passavam todas as manhãs. Como não havia classe infantil, eu ia com a minha mãe para a escola.»

As imagens alinham-se em doçura, desenham-se em palavras de sons e de cores, de sabores e cheiros, porque doce e embalada de liberdade e de vida terá sido a sua primeira infância. A casa era de muitos filhos, sete irmãos de pai e mãe, e mais uma avó muito amada, a tempo inteiro presente, sábia de preceitos e sólida de ânimo nas passagens difíceis. Havia muito movimento e muita gente, que rica de alma e aberta de espaço era a casa, e imaginosos aqueles todos do mesmo sangue, a repartir o mesmo chão. O tom do ambiente em que cresceu permanece hoje na sua memória, imprime-se nos valores em que desde sempre foi formada, marcas definitivas de honra, caráter e coerência. Educada no cuidado da atenção pelos outros, ela sabe o sentido da solidariedade e exprime, através da história da sua vida, a certeza de que as mulheres são capazes de fermentar o mundo. Singular teria sido já a sua estrela de nascer, naquele dia 2 de maio de 1925, na povoação algarvia da Fuzeta, terra de mar e morada de pescadores, num tempo em que Portugal respirava um regime livre, constitucional, democrático. Maria de Jesus lhe chamaram os seus pais: «Tenho o nome da minha avó paterna, que nunca cheguei a conhecer.»

Neta de camponeses de Montes de Alvor, foram estes avós paternos, Maria de Jesus e José de Sousa Barroso, os responsáveis pela carreira militar do pai, Alfredo José. Ao princípio, o avô contestava a escolha, mas logo foi vencido pelos argumentos da avó e do tio José, o mais velho, em defesa desta forma de futuro. «Nessa época, a promoção social das famílias fazia-se pelo seminário ou pela tropa», pensa hoje Maria de Jesus. A avó materna,

Maria da Rainha Santa, de Coimbra, tinha muito cedo mudado para o Algarve, por proteção e conselho do coronel Leiria e da sua mulher, padrinhos da sua única filha. Pelas circunstâncias do casamento que lhe tinha corrido infeliz, ocorreu a sua separação do marido, Manuel Maria Simões, sem vestígios nem comentários de parentes, vizinhos ou amigos que pudessem inscrever-se na história afetiva das futuras gerações. Mais tarde diplomada pelo Curso do Magistério, esta única filha, Maria da Encarnação Simões, é a primeira professora oficial colocada na escola de Montes de Alvor.

Não passa muito tempo para que a mãe, a quem a notícia é dada em primeira mão, aprove a notícia do seu namoro com Alfredo José Barroso, já em idade de ter mulher e filhos, e orientado de profissão por servir no Regimento de Infantaria em Lagos. As duas famílias festejam o casamento celebrado na igreja da aldeia, conforme a tradição. Não sendo praticante de religião, e mais crítico do que entusiasta por padres de sotaina, o noivo escolhe, apesar disso, por padrinho o cônego Guerreiro, notável do lugar. Os cinco irmãos de Alfredo José chamam-se Francisca, Amélia, César, José e Aníbal, e recebem a nova cunhada de braços abertos.

Menos de um ano depois do casamento, Maria da Encarnação tem o primeiro filho, Armando. Mas o menino é tão fraco que aos oito meses não resiste a uma enterite, causa grande da mortalidade infantil desta época. Dois anos depois, nasce outro rapaz, batizado Alfredo, como o pai. A terceira criança é uma menina, Maria da Luz. Mas dá-se novo luto pelo bebé de seis meses, que não tem saúde para sobreviver à disenteria. Duas crianças tão cedo mortas, dois desgostos um a seguir ao outro, num tempo em

que ter filhos sãos e perfeitos é desafiar a fatalidade ou trair a dose de desgraça que a cada um cabe neste mundo, e por isso tanto se invocam os santos para que os protejam e às suas mães guardem, com uma hora abençoada.

Os pais e a avó Maria desdobram-se nos cuidados com Alfredo, para que cresça forte de corpo e dotado de inteligência. Preparam-no desde logo para assumir o estatuto próprio dos primogénitos, porque o ordenamento dos costumes assim o dispõe neste tempo, em nome da responsabilidade que lhes é exigida, pelo respeito que se lhes tem. Ainda em Montes de Alvor, nasce de seguida mais um rapaz, chamado Virgílio, a garantir a continuidade da família. Muito pouco tempo depois, Alfredo José Barroso é notificado com uma ordem de serviço para de imediato assumir um outro posto, no Quartel de Tavira. Assim se instalam na povoação da Fuzeta, onde Maria da Encarnação é nomeada professora na escola primária local. Aqui lhe nascem três filhos, Fernanda, Alberto e Maria de Jesus.

Hoje, ela quase nada sabe da casa onde nasceu: «Era uma vivenda cor-de-rosa. Gostava de lá ir, um dia. Nunca a conheci por dentro...»

Tem um ano quando o pai, Alfredo José, recebe ordem de transferência para o Regimento de Infantaria 11, em Setúbal. Decidido, desde o princípio, a não viver sem a mulher e os filhos, todos começam por morar na Travessa do Carmo, até saberem de uma casa em boas condições, que está para alugar na Avenida Luísa Todi, em pleno centro da cidade. Prepara-se assim a mudança, que é feita sem demoras.

A adaptação da família Barroso em Setúbal coincide com as transformações impostas pela ditadura militar que

passa a dominar o país depois do golpe desencadeado pelo marechal Gomes da Costa, em 28 de maio de 1926. A ordem constitucional altera-se a partir do momento em que o presidente da República Bernardino Machado, democraticamente eleito em dezembro de 1925, entrega as competências do seu mandato ao capitão de mar-e-guerra José Mendes Cabeçadas. Com a imediata dissolução da Câmara dos Deputados e do Senado, dá-se logo depois a partida de Bernardino Machado para o exílio. Os tempos que hão de vir ameaçam insegurança, intolerância e perseguição para aqueles portugueses que, ao contrário da maioria de cidadãos desatentos ao significado destas medidas, não estiverem de acordo com os princípios a partir de agora estabelecidos para a realidade nacional. Este estado de coisas, a tingir o ambiente dos seus primeiros anos de vida, não pode deixar de ter um significado importante na história futura de Maria de Jesus.

Alfredo José e Maria da Encarnação cuidam da sobrevivência de cinco filhos, e deixam-se proteger pela sabedoria da avó dos pequenos, que continua de mão cheia disponível para repartir com eles as tantas tarefas do dia a dia, em casa de tanta gente. Alfredo José obstina-se de ideias na sua rebeldia contra o estado das coisas, empenha-se ativamente ao lado de outros militares num projeto de derrube do regime, tem a seu lado a mulher, que o acompanha e o ajuda nas ligações com civis e militares de outras unidades, para mais facilmente poder passar despercebido pelas barreiras de controlo durante o período de prevenção militar. Daí a dez meses, adere à primeira tentativa de revolução para tal urdida. Depois do 7 de fevereiro de 1927, fica, por isso, preso por motivos políticos durante uns dias

no quartel de Infantaria 11, antes de ser transferido para a Penitenciária de Lisboa. A imagem desta época ainda existe, na fotografia quase apagada da visita de família à Penitenciária. Maria de Jesus, com dois anos, está de mão dada com o pai. Do outro lado, o pai dá a mão à irmã mais velha, Fernanda. É preciso esperar pelas devidas investigações policiais para que Alfredo José volte para casa, não se sabe por quanto tempo. Faz-se um esforço para clarear o horizonte ensombrecido por ameaças e sobretudo para que as crianças não fiquem marcadas pelos acontecimentos.

Uma vez que em abrigo de muitos há sempre espaço para mais um, e porque, quando praticada com engenho, a arte de dividir deixa de ser mistério, o nascimento de Judite, em 1929, é uma alegria a mais, a compensar o tom geral das outras preocupações. E nova mudança de casa e de terra se dá quando Maria da Encarnação é nomeada para a escola primária de Palmela. Um sítio que nos nossos dias parece ficar a dois passos de distância do outro é nestes tempos uma lonjura, impossível de alcançar numa ida e volta do trabalho. Se não deixam Setúbal para viver em Palmela, como se há de sustentar uma casa de gente só com o ordenado de tropa do pai, quando se sabe que a mãe, à custa do ensino, tem desde o começo ajudado às despesas comuns?

Passa depressa este único ano em que a pequenina Maria de Jesus vai pela mão da mãe para a escola. De tão bom que é, nunca mais se esquece do tanto que o foi. Já nesta altura começa a fazer-se o prenúncio da ligação tão forte que entre ambas há de ficar para sempre. Percebe-se essa ligação pelo tom emocionado que hoje a toma, a recordar-lhe a memória: «A minha mãe era muito querida, adorada por toda a gente, teve nove filhos e foi professora primária durante quarenta

anos. Fisicamente, sou parecida com ela. Era uma pessoa muito afetiva, generosa, calma, nunca a vi fazer uma cena ou falar aos gritos. Tinha uma relação muito doce connosco, mas sentia um certo pudor de nos dar mimos.»

Hoje, que já é difícil avaliar as circunstâncias da condição nómada de certas famílias nestes anos trinta de Portugal, mais ainda é saber, na prática, como se enfrentava a ideia de mais uma mudança, de armas e bagagens! Desta quinta vez, o caminho é de volta a Setúbal. A nova casa fica na Rua Ladislau Parreira, e sacraliza-se pelo nascimento de Fernando, o último filho, o mais pequenino dos irmãos, de quem Maria de Jesus sempre tanto gostou: «Tenho uma vaga ideia da parteira a sair, de nos dizerem que havia mais um menino, e de nós acharmos que ela o tinha trazido.» Outras lembranças lhe ficam, de agora: «Às vezes, a minha mãe queria chamar um de nós e ia chamando por todos... Doenças? Não! Éramos muito saudáveis, só me lembro de haver um papel encarnado para coar a luz das janelas, quando tivemos sarampo. E do xarope de agrião, para a tosse.» Mas as moradas não ficam por aqui, e há que ampliar o espaço. Desta vez, passam a morar numa quinta nos arredores de Setúbal, em frente ao quartel de Brancanes e perto da escola primária onde a mãe é colocada. Maria de Jesus, com seis anos, tem de esperar até aos sete para poder matricular-se na primeira classe, continuando depois a frequentar a escola em Setúbal até à terceira. Os irmãos mais velhos, Alfredo e Virgílio, põem o despertador para as cinco da manhã, porque são alunos do Liceu do Bonfim, e ainda demoram muito tempo para chegar de casa até à cidade.

Dois anos mais velho, Alberto é nesta altura o grande companheiro de Maria de Jesus para as brincadeiras soltas

no campo, é o irmão preferido, o cúmplice das tropelias de criança, que gosta de lembrar: «Uma vez descobrimos uns ovos numa calha de correr água, e disse ele: “Traz umas panelinhas, vamos fazer uma gemada!” Afinal, os ovos pertenciam a um homem de lá, e o meu pai castigou-nos. Outra vez, fingimos que éramos um vendaval e andámos a dar pontapés às favas. Quando soube, o meu pai zangou-se a valer. “Quando os Barrosos passam na quinta, até as laranjeiras estremecem!”, dizia o Alberto. Tratávamos dos pintainhos, dos coelhos...»

Nesta década de trinta, enquadrada no cenário de sucessivos movimentos falhados na intenção de derrubar o regime, vive-se uma grande instabilidade no país. Há notícias contraditórias para factos mal conhecidos, cumplicidades secretas, discussões de ideias, amigos que deixam de frequentar as famílias, para aparecerem de surpresa com acessórios postiços de disfarce, porque estão na clandestinidade, e vêm bater à porta, a pedir abrigo de cama e mesa, a qualquer hora do dia ou da noite.

Naturalmente, todos estes indícios de que existem segredos no ar acordam a curiosidade das crianças, acendem-lhes imaginações misteriosas, impedem-nas de acreditar que os ritmos dos dias sejam idênticos, ou previsíveis, como os ciclos da natureza, que já são capazes de conhecer.

Enquanto aproveita as brincadeiras de espaço aberto com os irmãos e aprende na escola a ler, escrever e contar, Maria de Jesus começa na casa da quinta a ouvir as conversas dos adultos. Hoje, ainda se lembra do medo que ela e os irmãos sentiram quando o pai lhes disse que naquela época tinha havido armas escondidas debaixo das camas, lá em

casa. E dessa época lhe fica a evocação das duas palavras-chave da sua infância: «revirvalho» e «conspiração».

O ambiente que está à sua volta integra no país uma minoria social pouco a pouco mais consciente e ativamente empenhada na oposição à ditadura. Ela pertence a um daqueles núcleos familiares em que a coesão entre as pessoas, a solidariedade absoluta, a fidelidade aos ideais democráticos são princípios sólidos e inabaláveis, a com-pensar os desconfortos e incómodos que, tanto na vida pessoal como no estatuto de trabalho, lhes vêm como punição, em consequência do seu pensamento político. Explica: «O meu pai era um democrata, nunca foi comunista. Fazia parte daquele grupo de militares do “revirvalho”, como se costumava dizer. Ele sempre conspirou, tinha muitos amigos que iam lá a casa, gente da oposição.» E também recorda uma circunstância familiar, acontecida com a greve dos marítimos de Setúbal, em 26 de agosto de 1931: «Nessa casa, o meu pai recebeu a mulher e os filhos de um velho republicano da oposição, Jaime Rebelo, quando ele foi preso, e que lá ficaram uma temporada. Ouvi dizer que esse amigo do meu pai tinha cortado a língua na prisão, com medo de denunciar os companheiros... Contavam-se coisas assim. É engraçado pensar que, mesmo que as casas fossem pequenas, alargavam-se sempre para caber mais um.» Recorda-se da figura e do temperamento do pai, nesse contexto: «Era magro, baixo. Dava-se bem com a minha mãe, e embora fosse colérico, irascível, ela tinha sempre uma grande paciência, quando ele se zangava e ficava fora de si. Entretinha-se com os trabalhos de mãos. Foi ele quem construiu os galinheiros da quinta.»

O ciclo de vida altera-se para todos quando a mãe recebe nova ordem de colocação na cidade, obrigando-os à mudança para a última casa que habitam em Setúbal, na Rua Batoreo Alves da Silva.

O ano de 1933 é marcado por um acontecimento medonho para a família.

Alfredo José Barroso é um dos militares implicados numa ação subversiva e por isso vai sob prisão para uma cela do quartel de Caçadores 5. É acusado de grave envolvimento em nova tentativa revolucionária contra a forma de governo instalada no país. Desta vez, e porque maior se considera ter sido a sua responsabilidade no movimento, a pena será muito mais pesada.

Os irmãos mais velhos de Maria de Jesus estão desde outubro a estudar em Lisboa, no Liceu Passos Manuel, porque o Liceu de Setúbal só mantém alunos até ao 5.º ano. Alfredo está matriculado em Letras e Virgílio em Ciências, e ambos dão explicações a colegas mais novos, para ajudarem à sua manutenção em Lisboa. Com a redução do salário do pai para metade, a mãe continua a garantir as despesas da casa com o ordenado de 750 escudos que recebe por mês pelo seu trabalho de professora primária. A avó ajuda-a a cuidar dos cinco filhos mais pequenos e ampara-a nas angústias destes tempos com a força da sua fé. Sendo católica e profundamente religiosa, ela acredita que Deus há de atender às suas orações, para que a paz e a justiça cheguem a este mundo, e reza a Nossa Senhora de Fátima para que interceda pela salvação de todos. Leva a neta Maria de Jesus à igreja, ensina-lhe a ave-maria, o credo, a salve-rainha, o pai-nosso, fala-lhe dos santos

que a guardam do mal. Recorda a sua imagem, muitas vezes: «Era muito boazinha, era o nosso eixo afetivo, a nossa proteção. A avó gostava muito de mim.»

Em novembro, Maria da Encarnação resolve vir de Setúbal a Lisboa, para festejar com o filho Alfredo o dia dos seus anos. No programa, está incluída uma visita com Alfredo e Virgílio à prisão, para que estejam uns minutos com o pai. Quando lá chega, e depois de identificada, é-lhe dito que pode voltar para trás. O homem que procura, seu marido, acabou de ser transferido para o Forte de Peniche, donde seguirá para os Açores. Maria de Jesus sabe que o pai embarcou no navio *Quanza* até à ilha Terceira, e que lá ficou deportado no Forte de Angra do Heroísmo. Nunca mais esqueceu a cena, neste dia trágico: «Guardo a imagem da minha mãe deitada de braços abertos em cima da cama, como se estivesse crucificada, a chorar, sem saber como resistir à carga toda que lhe caiu em cima.» É tomada pela expressão da ternura pelo pai, deixa-se recuar no tempo: «O meu pai escrevia-nos, e nós a ele. Era tão habilidoso! Fez um quadrinho com as nossas fotografias, lá nos Açores. Não sei onde está esse quadrinho, nunca mais o vi...» Em compensação, conservou ao longo de todos estes anos a única carta, sem data, que sobrou entre tantas outras, escrita ao pai pela sua mão de menina. Aos oito anos, tem uma letra alinhada e quase não faz erros de ortografia: «Meu Querido Paizinho, O que eu desejo é que ao receber esta minha cartinha esteja de saúde. Eu felizmente estou boa. O Fernando cada vês mais esperto. A Judite é o mesmo que O Fernando.

Enfim vamos indo. A Fernanda e os manos que são o Alfredo e o Virgílio não vêm passar as férias do carnaval

a casa. Eu tenho a certeza que passo de classe. Enfim vamos a ver. Tenho ido sempre à escola mas nunca faltei e é assim que eu devo fazer sempre. Muitos e muitos beijinhos e abraços de esta sua filha e muito amiguinha, Maria de Jesus.» Acabado o prazo de cumprimento da pena, que durou um ano e alguns meses ao todo, Alfredo José Barroso faz a viagem de regresso dos Açores no navio *Carvalho Araújo*. Por ter agora o nome registado em cadastro como ativista político, perde o seu posto no quartel onde servia até ser preso e é transferido de Setúbal para Lisboa, onde passa a desempenhar uma função pouco mais do que administrativa no chamado Cofre de Previdência dos Oficiais do Exército.

Maria da Encarnação apronta uma vez mais as bagagens e prepara os filhos para a adaptação ao contexto da cidade. Consegue também a sua transferência para uma vaga de professora disponível na Escola n.º 74, da Calçada da Tapada. Assim se reencontram todos os da família, agora em nova morada, no n.º 15, 2.º andar, da Praça das Flores. Estamos no ano de 1934.

Aos nove anos, Maria de Jesus prepara-se para terminar a 4.ª classe e fazer o exame de admissão ao Liceu Filipa de Lencastre, no que é bem-sucedida. Gosta de ir com os irmãos mais velhos brincar para o Jardim Botânico, de passar as tardes em casa de amigos, de ouvir na rádio o programa *Senhor Doutor*, de Oliveira Cosme, e as intervenções da locutora Marli são as preferidas, quando apresentam as queixas dos pais contra os meninos que se portam mal. Todos diversos de temperamento, os irmãos são personagens sempre presentes nas emoções do dia a dia, referências de afeto para o seu entendimento do mundo

e o modo como ao longo da vida há de manter uma habilidade especial para se relacionar com os outros.

Alfredo tem um certo ascendente sobre os mais novos, como «patriarca». Alberto continua a ser o seu grande «companheiro», mas sente agora uma «veneração» por Virgílio, tão inteligente e precoce, tão brilhante aluno do curso de Matemática na Faculdade de Ciências. A irmã mais velha, Fernanda, faz os seus estudos no Instituto de Odivelas, um pouco contrariada, mas sem ousar desobedecer à vontade do pai: «Era muito habilidosa, tinha jeito para tudo, tinha muita imaginação, sabia de costura. Um dia, veio contar-me como se fazia uma roupa, com uns quadradinhos de pano....» Judite é «boazinha». Fernando, o mais pequeno, o seu protegido: «Era muito amiga dele.» As dificuldades que enfrentam nesta época são reminiscências misturadas de muitos sentidos: «Havia uma só empregada, éramos muitos e havia pouco dinheiro. A minha avó ajudava em tudo o que podia. Não era sempre que se podia comprar um vestido ou um par de sapatos. Ia-se à Cooperativa Militar ou ao Casão, que tinha tudo de casa mais em conta. A escola da Calçada da Tapada era de gente muito pobre. Iam miúdos, alunos da minha mãe, lá a casa ter lições com ela, sem que lhes cobrasse um tostão por isso. Um deles era filho de uma operária, que nos levava rebuçados da fábrica onde trabalhava...»

No primeiro ano do liceu, Maria de Jesus é boa aluna em Matemática, mas deixa de o ser porque a disciplina passa a ser ensinada por uma professora diferente. Retoma os bons resultados, pelo entusiasmo com que mais tarde receberá as explicações do irmão Virgílio, para as dúvidas de Geometria no Espaço e Trigonometria. Vem muitas vezes

a pé e não de elétrico para casa, porque com o dinheiro que vai juntando pode oferecer um doce à avó, ou ajudar o irmão Alberto a comprar um maço de cigarros.

Apesar das passagens de susto e agonia, não perdem as crianças nem os adultos a gratificação das horas de felicidade, intensamente vividas sempre que lhes são dadas. Maria de Jesus tem hoje, assim, direito à saudade de certos verões da sua infância, passados num monte que o pai alugava no mês de agosto perto de Montes de Alvor, quase na beira da falésia da praia.

São verões em anos indefinidos no calendário dos acontecimentos da sua vida, mas que especialmente a iluminam. Tempos de férias e de convívio para todos, e também reencontro com os tios da parte do pai e com os primos da mesma idade. Ela lembra-se da grande mesa ao ar livre, assente nuns tripés, posta para caberem todos à sua volta, à sombra de uma grande figueira. Só os de casa são dez, sem contar com os outros que vêm para passar o dia.

Guarda o sabor dos doces e cozinhados e os gostos de mar, tão frescos: «Eu gostava muito de grão com abóbora, com as carnes todas do cozido, gostava dos carapaus alimados, do atum fresco, do peixe grelhado, das papas de milho, do xarém... Havia sardinhas acabadas de pescar a vinte e cinco tostões o quarteirão e azevias recheadas com batata-doce, ainda quentes, tapadas com um pano branco na cozinha.»

As mulheres da casa ocupam-se das lides, a aprontar os cozinhados, a preparar no verão a conserva dos produtos da terra para o consumo do inverno, e as meninas aprendem com elas os pontos do açúcar, o corte dos frutos, o amanho dos peixes e legumes. O pai é nestas alturas

uma figura sedutora para os filhos, um herói de primeira linha nas lideranças, uma personagem no centro das iniciativas, mais flexível na disciplina que exige em todas as coisas: «Eu acho que os meus pais eram simpáticos, comunicativos», admite Maria de Jesus, para se transfigurar de ânimo, na recordação: «... Lembro-me do meu pai a dizer: “Quem quer vir ver o nascer do Sol?” Cantava muito connosco, naquelas noites cheias de estrelas, o céu parecia imenso, brilhante. Eu tinha uma vizinha muito boa, cantava até coisas brasileiras como aquela: “Não há/ ó gente/ ó não/ luar maior/ que o do sertão.” O meu pai era um homem com uma certa veia artística, costumava ajudar a minha mãe a ensaiar os miúdos para as peças na escola. No Algarve, eu e os meus irmãos fazíamos sempre uma representação nas férias.»

Já mais crescida, recebe do pai um preceito, bem sugestivo para os códigos da época e para os sinais da sua formação de carácter. Sente um misticismo de adolescência, que confia à avó e a leva a falar com a professora de Moral do liceu, Dona Aida da Conceição, sobre o seu desejo de se preparar para a primeira comunhão. Um dia, vai pedir licença ao pai para frequentar a catequese: «Mas o meu pai era anticlerical, criticava a incoerência dos padres, que pregavam no púlpito e depois tinham muitos filhos, a quem chamavam afillhados. Ele não concordou com a minha comunhão e disse-me: “Acho que não precisas de fazer a comunhão para ficares bem com Deus. Tens é de agir sempre de acordo com a tua consciência, porque, se Deus existe, há de compensar-te por isso.” Aprendi com o meu pai que não há que agir nunca por interesse na vida.»

No terceiro ano do liceu, começa a entusiasmar-se pela leitura de poemas e peças de teatro que a professora Maria José Saavedra organiza durante as aulas de Português: «Eu emocionava-me, lia de uma maneira que ela achava expressiva.» A professora aprecia especialmente o seu jeito para interpretar o texto de *Frei Luís de Sousa*, e organiza um grupo de alunas para assistir à representação da peça, numa *matinée* clássica a preços populares no Teatro Nacional Dona Maria II. Maria de Jesus fica impressionada por esta sua primeira ida ao teatro. Gosta cada vez mais de dizer versos, e passa horas a decorar poesia, com a secreta ajuda da irmã Judite, sempre pronta para lhe fazer as vontades. A sua maneira de ser é já tão tímida que ninguém em casa sabe desta paixão. No liceu, tem bons resultados como brilhante aluna de Português. A professora Maria José Saavedra adivinha-lhe uma vocação artística, enriquece-lhe o repertório, pede-lhe que recite mais versos, e que nunca mais deixe de o fazer, mesmo fora das aulas.

Vem o dia em que o irmão Alberto, acompanhando-a a uma festa no liceu, fica pasmado ao vê-la subir ao palco, recitar um poema, ser aplaudida. Mal chegado a casa, exclama a grande revelação: «Mas a Maria de Jesus recita!» A partir desse dia, sente-se menos envergonhada, mais à vontade para dizer os seus poemas preferidos à frente de todos, nos serões de família. Os irmãos elogiam-na e os pais reconhecem-lhe o talento. Os irmãos gostam de a ouvir e os pais ouvem-na com gosto. E de tantos recitais que faz começam os irmãos a dizer que ela poderia ser atriz, a sério. No liceu, a professora Maria José Saavedra fala-lhe no curso do Conservatório. Em casa, não ousa abordar o assunto. O seu maior desejo é vir a representar, um dia.